

Fenômeno inibe chuvas e o nível do Paranoá baixa, mas ainda não ameaça usina nem o fornecimento de energia elétrica

A CULPA É DO VERANICO

DF - clima

Marcelo Abreu
Da equipe do Correio

Ninguém entende São Pedro. Choveu na época da seca e agora, na período chuvoso, gotas contadas têm caído dos céus. E ele talvez não saiba, mas os estudiosos batizaram esse revés de veranico, curto período de estiagem que pode acontecer durante uma época de chuvas, nos meses de novembro, dezembro, janeiro e fevereiro no Distrito Federal. A estiagem — causada pelo enfraquecimento das frentes frias que vêm do sul do continente americano nesta época do ano — pode durar de cinco a 15 dias.

A conseqüência direta da falta de chuvas — além da secura e calor insuportáveis que incomodam o brasiliense — pode ser vista a olho nu contornando as margens do Lago Paranoá. Uma garça solitária em cima de latas de cervejas e lixo, muito lixo, em redor de toda a orla, dá a exata dimensão desse outro lado da seca na capital da República.

O nível de água está baixo, mas nada que possa preocupar ou comprometer a distribuição de energia elétrica da Usina do Paranoá. Por enquanto. Se São Pedro se mantiver generoso com os lados de Minas Gerais, onde fica a Usina de Furnas.

“A Usina do Paranoá é responsável apenas por 4% da energia consumida no Distrito Federal, o que equivale a 25 megawatts. O resto, 96%, compramos da Usina de Furnas, que está com o abastecimento de água garantido devido às chuvas naquela região”, explica Marzio Ri-

Fotos: Zuleika de Souza



A garça solitária às margens do lago dá a exata dimensão do desolamento dos brasilienses com a falta de chuvas. A seca é causada pelo enfraquecimento das frentes frias vindas do sul do continente americano

cardo de Moura, gerente de operações da Companhia Energética de Brasília (CEB). “Este ano, o desembolso com Furnas está sendo o dobro porque estamos produzindo neste período de seca constante apenas 1,2% de nossas necessidades”, emenda. Essa despesa extra, garante Moura, não atingirá o bolso do consumidor.

COTA MÍNIMA

A cota de água do Lago Paranoá está em 999 metros e 61 centímetros

cúbicos — medição ao nível do mar, que é de mil metros. “O limite mínimo aceitável é de 999m50cm. O desejável é de 1000m80cm — e pode variar até 1m30cm para menos. Hoje, ainda estamos 11 centímetros acima do nível mínimo”, explica Moura.

Segundo ele, é a geração de energia mais baixa que o Distrito Federal teve nos últimos 34 anos. A produção média da CEB, neste ano, ficou em oito megawatts, contra nove megawatts em 1986 — ano con-

siderado até então como o de menor produção de energia. Para se ter uma idéia, a média alta anual é de 17,9 megawatts, registrada em 1992. Aliada à estiagem, as águas baixaram muito devido à evaporação. “Nesse período seco a água evapora mais rapidamente”, lamenta Moura.

A CEB, responsável pela medição do Lago Paranoá — construído para garantir os níveis suportáveis de umidade do ar da cidade — ainda não acendeu a luz vermelha do

nível de água do lago, mas está próximo de fazê-lo. Faltam poucos centímetros para se atingir a cota mínima.

A solução tem que vir dos céus. De acordo com o gerente de operações da CEB, apenas com o início das chuvas — mas não uma chuvinha à toa — o volume de água do Lago Paranoá deverá aumentar e impulsionar a geração de energia da usina local. “Estamos com o nosso reservatório baixo e esperamos que até o final desta segunda

quinzena comecem as chuvas”, torce.

Pelo andar da carruagem, além da torcida será preciso uma ajudazinha de São Pedro. Nos 13 primeiros dias de novembro choveu apenas 25% da média mensal. “O índice pluviométrico médio deste mês é de 289 milímetros cúbicos, mas até hoje só foram registrados 50,9 milímetros de precipitação”, informa Francisco Alves do Nascimento, meteorologista do Instituto Nacional de Meteorologia (Inmet).